

rui pina coelho
& gonçalo amorim

}{

O tempo, foda-se, o tempo. Algumas
notas soltas sobre *Já passaram quantos
anos, perguntou ele*

The time, the fucking time. Some notes
on *How long has it been, he asked*

JAIME

Se tenho uma pergunta?
Uma pergunta? Tenho sim.
Por que caralho
é que acha
que os pássaros
andam a aparecer mortos
por todo o mundo?
E que me importa a mim
se me dá um emprego
ou não
se o mundo vai acabar?
Que importância
tem isto?
O que é que eu estou aqui a
fazer?

JAIME

Do I have a question?
A question? Yes, I do.
Why the fuck
do you think
that birds
are showing up dead
all around the world?
And what do I care
if you give me a job
or not
if the world is going to
end?
Why is that
important?
What am I doing here?

Já passaram quantos anos, perguntou ele.

Texto: Rui Pina Coelho. Encenação: Gonçalo Amorim.

Cenografia: Rita Abreu. Desenho de luz: Francisco

Tavares Teles. Sonoplastia: Eduardo Brandão.

Figurinos: Susana Sá. Adereços: João Rosário. Vídeo:

Rita Abreu e João Lacerda Seixas. Interpretação:

Carlos Marques, Joana de Verona, Luís Araújo e

Raquel Castro; Produção: TEP – Teatro Experimental

do Porto; Estreia a 10 de Novembro de 2011, no

Auditório Municipal de Gaia.

How long has it been, he asked. Text: Rui Pina Coelho.

Direction: Gonçalo Amorim. Scenography: Rita Abreu,

Light Design: Francisco Tavares Teles. Sound Design:

Eduardo Brandão. Costumes: Susana Sá. Props: João

Rosário. Video: Rita Abreu e João Lacerda Seixas. Cast:

Carlos Marques, Joana de Verona, Luís Araújo e Raquel

Castro; Production: TEP – Teatro Experimental do Porto;

Premiered on the 10th November 2011 at the Auditório

Municipal de Gaia.

A primeira sinopse

Quatro amigos portugueses, Jaime, Alice, Cláudio e Helena. Licenciados: numa mão um diploma, noutra, um passaporte. Estão à procura de emprego, a inventar profissões ou a trabalhar por conta própria. Têm empregos precários, sonhos provisórios, roupas usadas, computadores antigos, livros importados, música boa e malas aviadas. Estão com um pé aqui e outro lá. São a massa cinzenta que se pira — mas que também não passa sem o lindo sol português e sem um belo peixinho grelhado. São quatro amigos que não trocam as praias portuguesas por nada — mas que já estão fartos disto tudo.

Sobre o texto:

O que escrevemos no programa do espectáculo

Já passaram quantos anos, perguntou ele é um texto que gostava muito que fosse sobre a minha geração e sobre aquilo que nos foi acontecendo. Sobre os casamentos, os divórcios, as mudanças de casa, as partidas. Sobre o passar dos anos, sobre o entrar na vida adulta, sobre abandonar sonhos, sobre arranjar trabalho, sobre

The first synopsis

Four Portuguese friends, Jaime, Alice, Cláudio and Helena. They are graduates: with a diploma on one hand, and a passport on the other. They're looking for a job, concocting occupations or working as freelancers. They have precarious jobs, precarious dreams, second-hand clothes, old computers, imported books, good music and their bags are packed. They have a foot in the door. They are the fleeing brains – but they are also the ones who cannot live without the beautiful sunlight of Portugal, and a

stunning piece of grilled fish. They are four friends that would not trade the Portuguese beaches for anything in this world – but who are sick of everything that has been going on.

About the text:

What Rui wrote in the programme

How long has it been, he asked is a text that I would very much like to be about my generation and what has been happening to us. About marriage, divorce, moving away, leaving. About the years that are going by, entering adulthood, letting go of dreams,

trabalhar, sobre andar apaixonado. Não sei se o é. Tem acontecido tanta coisa. E não tenho conseguido perceber tudo. Têm partido amigos que não regressam. Têm voltado outros. Há uns que nunca foram. Uns desistem, outros aguentam. Uns passam a vida a resmungar em jantares. Outros organizam manifestações. Uns “deram-se bem”. Outros não param de *rock n’rollar*. De outros há muito que não sei nada. A alguns só os vejo uma vez por ano a descer a avenida no 25 de Abril. Muitos têm filhos. Outros não. Não sei.

Gostava que este texto fosse uma coisa sobre a vida em Portugal nos últimos quinze anos — mais ano menos ano. Um texto sobre amigos que vêem os amigos a crescer e a mudar. Um texto sobre a vida que fui vivendo, sobre a que me foram contando e sobre a que fui vendo. Em casa, no trabalho, nas ruas, nas manifestações, nos livros e nos jornais. (...) *Já passaram quantos anos, perguntou ele* — que durante alguns meses se chamou *Já passaram quantos anos desde a última vez que falámos, perguntou ele* — é “sobre andar à procura de lugar, sobre o tempo a passar, sobre o preço da comida e a conta do gás, sobre os filhos, o preço das fraldas e das propinas. É sobre o fim do mundo. É sobre aqueles que,

getting a job, working, being in love. I don't know if it is. So much has been going on. And I haven't been able to grasp it all. Some friends have gone and never come back. Others have returned. Some have never left. Some quit, others persevere. Some keep complaining at dinners. Others organise protests. Some "did well". Others just can't stop *rock and rolling*. Some I haven't heard from in a really long time. Others I only see once a year, going down the avenue during the celebrations of the Carnation Revolution. Many have kids. Others don't. I don't know.

I wish this text could be something about life in Portugal in the past fifteen years — more or less. About friends that have been watching other friends grow up and change. About the life I have been leading, about the lives of those who have been sharing it with me, and also the lives of those who I have been observing: at home, at work, in the streets, in demonstrations, in books and newspapers. (...) *How long has it been, he asked* — which, for a couple of months, was titled *How long has it been since the last time we talked, he asked* — is "about seeking a

embora com trinta e poucos anos, ainda guardam a esperança que o Guardiola os possa chamar para jogar a extremo esquerdo do Barça. É sobre aquele verso do John Lennon, 'Life is what happens to you while you are busy making other plans'.

Sobre a encenação:

O que escrevemos no programa do espectáculo

Nestes últimos anos, tenho-me vindo a debruçar, com as equipas com que tenho trabalhado (...) sobre questões que me parecem pertinentes no contexto actual e que, independentemente do momento de escrita dos vários suportes textuais que temos vindo a utilizar, convoquem no espectador uma capacidade de reflexão sobre a forma como vive a sua própria vida, e como pretende que ela seja construída em comunidade. Essas questões são as que dizem respeito às novas famílias, ao capitalismo como sistema em colapso, ao trabalho e ao dinheiro, aos anacronismos e aos arcos históricos, à individualidade e à sua ressonância nos colectivos, às tensões entre gerações, à violência, ao "lado negro" do ser humano e à cidade como utopia. A oportunidade de trabalhar um

position, the passing of time, the cost of food and gas bills, kids, the cost of diapers and college fees. It's about the end of the world. About those who, even though they are in their early thirties, still cling on to the hope that someday Guardiola might pick them to play as a left midfielder for Barça. It's about John Lennon's verse: 'Life is what happens to you while you are busy making other plans'.

About the direction: What Gonçalo wrote in the programme

In these past few years, I have been discussing with the teams that I have been working with (...) the current matters that seem important to me and which, regardless of the date of the plays we are using, induce in the spectator the ability to reflect upon the way he or she is leading his own life today, and the way he is seeking to incorporate it in the community. These are matters associated to new families, capitalism as a collapsing system, work and money, anachronisms and historic

texto original do Rui é a de me colocar como artista de uma forma directa e sem rede no centro destas questões. Este texto fala sobre mim, sobre os meus amigos e também sobre os meus inimigos. E era mesmo o que eu precisava! Precisava deste espectáculo (e acho que não serei o único), precisava que alguém me falasse de mim, de nós, os que nascemos a partir dos anos setenta, aqui, em Portugal.

Sobre a cenografia:

O que a Rita Abreu escreveu para o programa do espectáculo

Jaime, Alice, Cláudio e Helena são portugueses do nosso tempo que partilham o seu dia-a-dia num apartamento qualquer. No entanto, eles não pertencem a este lugar. O seu território é criado pelos objectos que foram acumulando e que transportam consigo. Nestas casas combinam-se as cadeiras de cozinha de casa dos pais com os pratos e candelieiros do *Ikea*, a mesa da avó com os computadores e *ipods* de penúltima geração. Pode não haver dinheiro mas a tecnologia de ponta e o design banalizaram-se, o último modelo é já da semana passada, dando a sensação de vivermos

arches, individuality and its meaning to others, tensions between generations, violence, the "dark side" of mankind and the city as an utopia. Working on an original text written by Rui gives me the opportunity to place myself directly as an artist, without a safe net, in the heart of these matters. This text speaks of my friends, my enemies and me. This was exactly what I needed! I needed this show (and I think I speak for others when I say this), I needed someone to tell me about me, about us, those born from the 70's onwards here, in Portugal.

About the scenography: What Rita Abreu wrote in the programme

Jaime, Alice, Cláudio and Helena are Portuguese people of our time who share their daily lives in an apartment somewhere. However, they are a group apart. The objects they have been collecting all over the years, and that they keep carrying with them create their territory. In these houses, they are blending the kitchen chairs from mum and dad's house with Ikea dishes and chandeliers, and nana's table with modern computers and iPods. Money may be scarce, but state of the

num ambiente de ficção científica ultrapassado e anacrónico. As nossas raízes são os fios eléctricos que ligamos às paredes ou ao chão do espaço que habitamos e que já não nos unem a esse lugar específico, mas sim ao mundo.

Já passaram quantos anos, perguntou ele e Look Back in Anger, de John Osborne: sobre os anos cinquenta e os nossos dias

Já passaram quantos anos, perguntou ele é inspirado no texto do John Osborne, *Look Back in Anger* (com algumas pilhagens à tradução de José Palla e Carmo, *O tempo e a ira*, Lisboa: Minotauro, s/d), escrito num momento em que parecia não haver mais causas pelas quais valesse a pena lutar. Com efeito, a peça é construída num diálogo próximo com esse outro texto, estreado em Portugal em 1967, no Teatro Experimental do Porto: *O tempo e a ira*, com encenação de Fernando Gusmão. As quatro personagens do meu texto (Jaime, Cláudio, Alice e Helena) são “projeções” (mais ou menos distorcidas) de quatro das personagens do texto de Osborne: do arquetípico jovem revoltado Jimmy Porter; do enigmático mediador afável Cliff; da frágil e estóica Alison, a filha do Coronel; e

art technology and design have become trivial. The last model is already old, giving the impression that we live in an outdated and anachronic sci-fi world. Our roots have become the wires we connect to the walls or the floor of the space we inhabit, and which no longer connect us to that one specific place, but to the entire world.

How long has it been, he asked and Look Back in Anger, by John Osborne: about the 50's and our time

How long has it been, he asked takes its inspiration from John Osborne's

Look Back in Anger (and has used quite a bit of José Palla and Carmo's translation, *O Tempo e a Ira*, Lisboa: Minotauro, n/d). It was written at a time when there seemed to be no more causes worth fighting for. In fact, the play is built in a dialogue parallel to that other text, which debuted in Portugal in 1967, in the Teatro Experimental do Porto: *O tempo e a Ira*, under the direction of Fernando Gusmão. My four characters (Jaime, Cláudio, Alice and Helena) consist in a (sort of twisted) “projections” of four of Osborne's characters: Jimmy Porter, the arch-

da intensa Helena Charles, atriz. Além disso, aquilo que “acontece” ao quarteto português é o mesmo que “aconteceu” ao quarteto britânico. Os amores e desamores são (mais ou menos) os mesmos. Os erros são (mais ou menos) os mesmos. A raiva é mais ou menos a mesma. Mas com uma diferença maior. Nos anos cinquenta os *Angry Young Men* revoltavam-se contra todo um sistema de valores que declaravam obsoleto. Punham em questão as noções de Império, de masculinidade, de identidade, de futuro. A raiva era essencialmente uma questão geracional. “*Look Back in Anger* apresenta a juventude do pós-guerra tal como ela é [...]. Todas as suas qualidades estão lá, qualidades que já não supúnhamos ver aparecer em palco — a deriva para a anarquia, um instintivo ideário de esquerda, a rejeição automática das atitudes ‘oficiais’, um sentido de humor surrealista, a promiscuidade casual, a sensação de que falta uma cruzada pela qual valha a pena lutar e, sublinhando tudo isto, a determinação de que ninguém deve morrer sem que se lhe faça o luto”, escrevia o influente crítico Kenneth Tynan, numa crítica entusiasmada intitulada “A voz dos jovens” (*Observer*, 13 de Maio de 1956). E terminava a sua crítica com a apaixonada declaração: “Não sei se seria capaz de amar alguém que não quisesse

typical young rebel; Cliff, the enigmatic and kind mediator; Alison, the fragile and stoic Colonel's daughter; and Helena Charles, the intense actress. Also, what "happens" to the Portuguese quartet is basically the same thing that "happened" to the English quartet. Their fortunes and misfortunes are (pretty much) the same. Their mistakes are (pretty much) the same. The anger is pretty much the same – but with a major difference. In the 50's, *Angry Young Men* protested against an entire system of values considered to be obsolete. The group questioned the concepts of empire, masculinity, identity and future. Anger was essen-

tially a generational issue. “*Look Back in Anger* presents post-war youth as it really is [...]. All the qualities are there, qualities one had despaired of ever seeing on the stage – the drift towards anarchy, the instinctive leftishness, the automatic rejection of 'official' attitudes, the surrealist sense of humour, the casual promiscuity, the sense of lacking a crusade worth fighting for and, underlying all these, the determination that no one who does shall go unmourned” the influential critic Kenneth Tynan wrote in a passionate critique titled “The Voice of the Young” (*Observer*, May 13th 1956). And he finished with an ardent state-

ver *Look Back in Anger*. É a melhor peça jovem da sua geração". Estava tudo dito.

Hoje as coisas são muito diferentes. Embora tenha sido nosso argumento (para os espectáculos *A morte de um caixeiro viajante* e *Do alto da ponte*, de Arthur Miller, em 2010 e 2011, respectivamente) que muita da geometria política dos anos cinquenta parece voltar a ser útil para interpelar o mundo, as coisas são hoje muito diferentes. A raiva do Jaime é diferente da raiva do Jimmy. A nossa raiva é confusa, dispersa, plural. Ou, pelo menos, a minha é assim. É pela promessa de liberdade que se esfumou. É uma raiva pela destruição das coisas verdadeiramente importantes — a paz, o pão, habitação, saúde, educação — banhada num mar de irrelevâncias, banalidades e futilidades. É a raiva da indignação. Contra o capital. As coisas são hoje muito diferentes. Mas, ainda assim, tem-nos parecido acertado estar a pensar o mundo de hoje com estes autores dos anos cinquenta, como o Miller e o Osborne — que não se cansaram de alertar para os estúpidos caminhos que o capitalismo e o consumismo começavam a trilhar e para as trágicas consequências que estes modelos impunham na vidas das pessoas.

ment: "I doubt if I could love anyone who did not wish to see *Look Back in Anger*. It is the best young play of its decade." That said it all.

Nowadays, things are pretty different. Although we claimed (in our productions of *Death of a Salesman* and *A View From the Bridge*, by Arthur Miller, in 2010 and 2011, respectively) that much of the political geometry of the 50's seems, once again, useful to address our world, today things are very different. Our anger is baffled, diffuse, plural. Or, at least, mine is. The promise of freedom softened it. We are angry due to the obliteration of truly important things – like peace,

bread, housing, health, education – immersed in a sea of irrelevances, banalities and futilities. But, even so, we have deemed correct to consider the world we live in through the eyes of these authors from the 50's, author's like Miller and Osborne – that insisted on drawing people's attention for the dim paths that capitalism and consumerism started to trail, and also to the tragic consequences that these models imposed on people's lives.

Translated by Ana Filipa Vieira